

O MILAGRE DE FOZ CÔA*

por

Augusto Abelaira**

Por que não compreender que hoje os tempos são outros e continuar agarado a ideais que tiveram o seu papel há quarenta, trinta ou vinte anos, agora ultrapassados? A pergunta: a juventude actual tem ideias e é capaz de se bater por elas? A prudência impõe-se, as generalizações (não há uma juventude, há muitas) são o pecado mortal de quem emite sentenças. De resto, a existência de organizações juvenis dentro dos partidos sugere, embora não prove, que há largos estratos de jovens com ideais políticos e sociais. E o facto de muitos deles não se inscreverem nos partidos também pode significar a mesma coisa.

O pouco que sei e me conduz a algum pessimismo é fundamentalmente o que leio (o que vejo talvez seja simples aparência). Mas se a minha experiência directa tem algum valor, concluo muitas vezes, a propósito dos jovens A, B e C (socialmente desinteressados), o seguinte: se eles têm vivido durante o fascismo, viveriam apaixonadamente certas preocupações não meramente pessoais. Verificação que me leva a pensar — perdoem o humor negro — que o fascismo nos faz falta, que a democracia, não só a cavaquista (ao fim de dez anos, estamos todos mais ou menos cavaquizados), amolece os espíritos, rouba o espírito de utopia.

Especulações de leigo, não de sociólogo.

Uma recente reportagem, publicada no “Público” e da autoria de Margarida Portugal, veio, e ainda bem, perturbar-me. Intitula-se “O Milagre de Foz Côa” e narra a autêntica revolução que, graças à descoberta das gravuras pré-históricas, se manifestou na escola secundária daquela terra. De acordo com a autora “os professores andam extasiados com os alunos, os alunos andam deslumbrados com a escola. Mês e meio de polémica fizeram mais pelo ensino da região que todas as reformas do sistema educativo”. E acrescenta: “Porquê? Porque subitamente *tudo faz sentido*”. E, para mim, o “subitamente” é revelador. Por um lado, confirma o pessimismo: antes do “subitamente” nada tinha sentido. Por outro lado,

* Publicado no *Jornal de Letras*, de 29-03 a 11-04-95.

** Escritor.

um justo optimismo.

Subitamente. Como declara um professor: “Pela primeira vez, temos aqui um grupo de alunos que querem, de facto, fazer alguma coisa.” A autora comenta: “Tal é o envolvimento dos jovens nas inúmeras actividades em que se desdobram para dar corpo à sua posição em relação à defesa das gravuras.” Defesa que tantos incómodos causa às nossas entidades governamentais, que aos Santos Apóstolos ofereceram, sem êxito, meia dúzia de velinhas para intercederem junto da UNESCO no sentido de esta se manifestar a favor da continuação das obras da barragem.

Um dos professores fala (a expressão é bonita e poderia ser de Bourdieu) no “capital de curiosidade” dos alunos e confessa com modéstia: “Nós (professores) limitámo-nos a constatar o facto e a agir de acordo com ele.” Alunos que de tal modo estimularam os professores que estes “reorganizaram as actividades da área-escola para irem ao encontro das motivações” deles.

Entusiasmo dos alunos, só possível por ter surgido alguma coisa em que acreditaram (“Estamos a defender — diz um aluno — aquilo em que acreditamos”). E, conta ao jornalista, “não são as cartas sem resposta enviadas para o ministério e o mutismo da ministra que os vão desencorajar, o reconhecimento e o encorajamento público não lhes faz falta”. Saliente-se a inimaginável preocupação pedagógica que leva um burocrático Ministério da Educação a deixar sem resposta o entusiasmo daqueles jovens!

“Milagre educativo”, dizem os professores, eles próprios espantados. Possivelmente, já tinham deixado de acreditar nos jovens (e neles próprios ou na eficácia da escola). Professores que, “subitamente”, também passaram a acreditar.

O capital de curiosidade, de paixão, sem o qual não há ideais e que encontrou um motivo para acordar: a descoberta das pinturas rupestres. Que, muito possivelmente (e sirvo-me do título dum grande filme), os conduziu de “rebeldes sem causa” a “rebeldes com causa”. De tal modo que “a taxa de problemas disciplinares na escola baixou drasticamente”.

Conclusão: o capital existe, a apetência para os ideais existe. Mas também o problema: nem todos os dias, e em todas as terras, se descobrem gravuras pré-históricas. Por outras palavras: é preciso inventá-las e essa é, julgo eu, a tarefa de todos nós. Mas como?

P.S. Li nos jornais que um dos nossos ilustres pedagogos, professor catedrático de Direito, descobriu o método de estimular a curiosidade jurídica dos seus alunos ao perguntar-lhes nos exames coisas como: “Quem esteve no enterro de Grotius?” Imagino que um catedrático de Física ou de Matemática pergunta ao aluno Einstein: “Quem esteve no enterro de Newton?” Ou o professor que ensinou contraponto a Beethoven: “Quem esteve no enterro de Bach?” Como um era irónico e o outro malcriado, gostaria de saber como responderiam.